

Banqueiros reagem a plano econômico

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — O comitê de bancos estrangeiros que negociam a dívida externa com o Brasil recebeu com frieza a apresentação do programa econômico elaborado pelo governo Sarney. Num comunicado distribuído depois da reunião do presidente do Banco Central, Francisco Gros, o comitê constituído por representantes de 14 maiores credores do país limitou-se a dizer: "O senhor Gros apresentou um livreto" a respeito do plano, que será distribuído a todos os interessados. Um dos banqueiros membros do comitê disse que "não está claro, por enquanto, se há ou não um plano econômico sério. Continuamos a esperar que eventualmente ele acabe surgindo".

O presidente do Banco Central do Brasil considerou a reação dos bancos normal. Não se pode entrar numa reunião cheia de banqueiros, dizer que não vai pagá-los e esperar uma salva de palmas. Sempre que isso acontecer eles vão manifestar desapontamento". Acrescentou, contudo, que "isso não quer dizer que reivindicações serão rejeitadas. A preservação do diálogo e do **status quo** interessa aos dois lados e é isso que espero que aconteça".

O endurecimento da posição resultou, em parte, da nova onda de rumores a respeito de uma substituição de Dilson Funaro no Ministério da Fazenda. "Se ele sair, a política poderá mudar. Vamos esperar para ver como as coisas se encaminham no Brasil e depois decidiremos". Podemos esperar, disse um funcionário do comitê de bancos.

Gros anunciou que nos próximos dias mandará a todos os credores privados estrangeiros do Brasil um telex "pedindo que não exijam o pagamento de 9,6 bilhões de dólares que vencerá no próximo dia 15 de abril". O telex solicitará que os bancos mantenham o equivalente em cruzados desse montante depositado numa carteira especial do Banco Central do Brasil. Uma emenda formal do acordo de reescalonamento da dívida, assinado no ano passado, será proposta com esse objetivo, no mesmo telex. Em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, Gros manifestou otimismo cauteloso de que esse pedido será atendido.

Cooperação

Segundo o comunicado do comitê de bancos, Gros pediu também que os credores estrangeiros continuassem atuando num espírito de cooperação. "De nossa parte, confirmamos disposição de conti-

nuar diálogo com o Brasil", concluiu o comunicado.

Nos últimos meses, os membros do comitê vêm insistindo na necessidade de o Brasil adotar um programa econômico que assegure a geração de recursos suficientes para o pagamento dos juros da dívida externa. Eles acham que o documento trazido por Funaro não passa de uma declaração de metas que não esclarece como o país voltará os bancos acham que se realmente quisesse o Brasil poderia continuar pagando os juros, como o fez até mesmo em circunstâncias mais difíceis de recessão interna e externa, até o início deste ano. Mas o governo Sarney insiste que para assegurar taxas saudáveis de crescimento e a expansão do mercado interno, o país precisa limitar suas remessas de capital para o exterior. "Se continuarmos exportando a maior parte do que produzimos para gerar divisas a fim de pagar a dívida e não recebermos financiamento externo nossa população vai sofrer", replica o ministro Funaro. Funcionários brasileiros dizem, também, que a exigência de um plano "é apenas um cavalo de Tróia".

Segundo Gros, apesar do descontentamento dos bancos, as teses brasileiras a respeito da dívida estão recebendo crescente aceitação.